

「 prosa 」

Victoria Schechter

O Buraco

Outro dia, meu melhor amigo e eu fomos a um bar. Era domingo, o lugar estava vazio. Sentamos, ele pediu uma água e disse que não ia comer nada, a gastrite, a lactose, o glúten no almoço.

— Pelo amor de Deus, você é muito fresco.

— Me deixa ser veado em paz!

Mandei se danar a regra de que beber sozinho é errado e pedi um drink de uísque com água de coco porque dava direito a concorrer a uma viagem à Escócia. E um cheeseburger para completar.

Na hora de cortar o cheeseburger, tirei os talheres do saquinho plástico, espetei o garfo no meio e comecei a forçar a faca. Demorei alguns segundos para perceber que a lâmina estava virada para cima, o que fez o molho se espalhar, o queijo sair pelos lados e o pão virar uma grande maçaroca.

Nisso, em vez de constrangido com a minha desajeiteza, ele já estava às gargalhadas. Isso foi antes de eu esbarrar no copo e entornar nele a metade do drink metido a besta, quando começou o acesso de riso.

Conheço esse meu amigo tem cerca de 20 anos, o que é dizer muito, já que nenhum de nós chegou aos 30 ainda. Fomos colegas em uma aula de iniciação musical, daquelas bem amor de mãe com um método construtivista revolucionário trabalhado na charlatanice. Ele era desbocado com

a professora idosa meio hippie e uma vez levou uma cacetada de espada de plástico, parte da encenação do mito da Caixa de Pandora que nos obrigaram a fazer. Nos intervalos, ele não jogava bola com os meninos, mas gostava de jogar forca com as meninas. E, dentre as meninas, gostava de mim, talvez porque, dentre todos, eu também fosse meio esquisita. Depois, o acaso de cidade pequena levou os pais dele a se mudarem para o apartamento em cima do meu.

— Esse menino não tem casa, não? — dizia a Aparecida, empregada lá de casa. — Vive aqui, parecendo uma gazela, fazendo bagunça!

Prefiro nem saber o que a empregada da casa dele dizia da menina meio cega que espalhava fantoches e fantasias pra todo lado, enquanto o amiguinho fazia a iluminação e efeitos sonoros, mexendo em tomadas e fios e deixando os adultos mais loucos que saci no pogobol.

Nossas fantasias complementares daquela época nunca perderam o encaixe, parece: ele, das engenhocas, partiu para a engenharia; eu, das fantasias e fantoches, para o teatro e a escrita.

Foi só na vez em que caí no buraco que percebi o quanto ele me fez melhor.

Eis-me caída num buraco de 30 centímetros de profundidade, no estacionamento da Lineu Prestes, na frente da Faculdade de Filosofia da USP. E nem dignamente caída, vejam bem, eu tinha uma perna dobrada debaixo do corpo, a outra escorregada para a frente, a bengala emperada numa das bordas, meu queixo preso na fita listrada de amarelo e preto. Que porra adianta uma fitinha de isolamento enroscada quando você não enxerga um palmo à frente do nariz e está atrasada para a segunda prova de linguística da vida? Friso bem que era a segunda, pois a primeira me mostrou que o buraco dessa história de semiótica fica bem mais lá pra baixo.

Eu me levantei do jeito que deu, cuspiendo fumaça, xingando as malditas obras intermináveis da USP, a falta de acessibilidade, o reitor, os movimentos estudantis, a chuva, o professor de linguística e principalmente a merda da fita de isolamento. Não se consegue nem cair com dignidade nessa faculdade! Quando eu saía pisando forte, falando com o vento, foi que a figura de um segurança surgiu, perguntando se eu precisava de ajuda.

– Um minuto atrás podia até ser, agora só se tu manjar de Saussure ou daquele tal de Jakobson, valeu? Quando eu tava lá no buraco, toda cagada, cê não me aparece, né?

Uns dez passos depois, o joelho doendo, suja de lama, molhada, nem louca de pensar no estado do meu laptop dentro da mochila sobre a qual eu tinha caído, um riso incontrolável me subiu. Pensei no meu amigo e no quanto ele riria da minha cara se estivesse ali, naquele momento.

Tive que segurar o ataque de riso durante toda a prova. Depois, comprei um pacote de biscoito na cantina, sentei no corredor e liguei pra ele.

– Cê não sabe o que me aconteceu hoje.

– Ai, pera aí, deixa eu até sentar.

A gargalhada foi tanta que uma menina saiu de uma sala e disse que eu estava atrapalhando a aula. Fiquei constrangida por uns cinco segundos, só o tempo de ir para fora do prédio; quando coloquei o telefone no ouvido outra vez, ele já estava se matando de rir do outro lado. Fui infectada.

Videocacetadas assim são frequentes na minha vida, talvez pela falta da visão, talvez porque isso esteja na minha personalidade mesmo, ser assim, meio janja. Fato é que, pela falta de visão, parece temerário rir da minha cara. Uma vez constatado que está tudo bem, que não quebrei a cabeça e nenhuma vértebra saiu do lugar, que mal tem? O riso é um antídoto à piedade – esta, sim, mais dolorida que um hematoma no joelho, mais incômoda que roupas enlameadas, uma cratera sem fita de isolamento e bem mais funda que a da semiótica.

Sempre que me acontece de eu entrar no carro errado, cair de bunda na escada, derrubar uma salsicha e só encontrá-la dois dias mais tarde, apodrecendo debaixo do armário da cozinha, a primeira reação, depois do lampejo de raiva autodirecionada, a pontada de fracasso e impotência, é me ver de fora, como o meu amigo me veria, e acumular mais uma história para rirmos quando realmente a vida não estiver favorável.

De volta ao bar no outro domingo, ele me disse, se divertindo mais que na frente de um episódio de Seinfeld:

– Sabia que você ia fazer merda com esse monte de molho nesse sanduíche! – disse, enquanto me dava guardanapos para eu enxugar os dedos melecados.

– Fala sério, cê me ama, né?

– Amo. – Ele enfatizou o ponto final, sem espaço para cláusulas anexas. ■

Victoria Schechter

Nasceu em Santos, em 1992. Graduada em Letras pela USP, é tradutora, professora e atriz. Em 2019, foi pré-finalista do Disquiet Prize e recebeu o 3º lugar no Concurso Nacional Novos Escritores.

